

Lina Bo Bardi e a Valorização da Cultura Popular na Arquitetura Brasileira:

Uma Análise dos Artigos na Revista Habitat

Clara Gurgel do Amaral Passos (PIC/CNPq/FA/UEM),

Andre Augusto de Almeida Alves (Orientador)

André Felipe Batistella Souza (Coorientador)

E-mail: ra120291@uem.br, aaaalves@uem.br e pg54716@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Arquitetura e Urbanismo, Maringá, PR.
Arquitetura e Urbanismo - História da Arquitetura e Urbanismo

Palavras-chave: Lina Bo Bardi; cultura popular; Revista Habitat.

Resumo

Este trabalho analisa artigos publicados pela arquiteta Lina Bo Bardi entre os anos de 1950 e 1952 na revista Habitat. Essa coletânea explora a temática da construção da identidade, a partir da experiência produtiva brasileira e do artesanato popular, do ponto de vista do conhecimento construído de modo coletivo. O objetivo é compreender as origens do raciocínio que marca sua produção arquitetônica. Como resultado obteve-se novos elementos acerca do pensamento da autora e sua contribuição à visão de toda uma geração de arquitetos, artistas e intelectuais que refletem sobre a cultura popular brasileira.

Introdução

Lina Bo Bardi (1914-1992), arquiteta ítalo-brasileira, marcou a arquitetura e cultura do Brasil unindo funcionalidade, sabedoria popular e a experiência de modernidade em sua produção. Sua obra transcende o mero exercício estético e mergulha nas raízes culturais do Brasil, explorando o passado enquanto presente histórico. Ela não só reconhece a riqueza das expressões populares, mas as integra em seus escritos e prática projetual, criando espaços autênticos e significativos.

A visão de Lina Bo Bardi vai além de uma mera nostalgia pelo passado. A arquiteta se posiciona contra o termo “*folklore*”, considerando-o uma forma infantilizada de enxergar as manifestações culturais populares, retirando a seriedade e genialidade de seus feitos: “Está fora de causa o folklore, que serve aos turistas e às ‘Senhoras’ que acreditam na beneficência. Folklore é uma palavra que precisa ser eliminada.” (BARDI, 1994).

O presente trabalho analisa criticamente cinco artigos de Lina, de modo a interligá-los ao processo de modernização brasileiro a eles contemporâneo, o qual se deu de modo desconectado da experiência popular. Além disso, aborda brevemente a relação complexa dela com o moderno e sua crítica. Ademais, demonstra a evidente ironia de Bardi ao retratar a alta sociedade brasileira e seus gostos europeizados. Considera, assim, que os artigos da revista Habitat revelam a percepção da autora sobre a prática artística, artesanal e cultural do Brasil, que por sua vez alimenta as reflexões e sua obra.

Materiais e métodos

A elaboração deste trabalho baseia-se no método bibliográfico como ferramenta de investigação. Foram selecionados seis artigos, cujas autorias são atribuídas à arquiteta Lina Bo Bardi: “Amazonas, o povo arquiteto”, “Belém”, “Casa de 7 mil cruzeiros”, “Construir é viver”, “O povo é arquiteto” e “Por que o povo é arquiteto?”; presentes nas edições 1, 3, 7 e 10 da paulista Revista Habitat, publicados entre os anos 1950 e 1952. A discussão é enriquecida por fontes biográficas sobre a autora e artigos sobre a temática de arquitetura moderna.

Resultados e discussão

No artigo “Amazonas, o povo arquiteto”, 1950, Lina desafia a elite que, erroneamente, se apropria do termo “sociedade” para sua autodenominação, sublinhando que a verdadeira sociedade engloba todas as camadas, sem distinção. Sua crítica ecoa na música lançada por Elis Regina décadas mais tarde, “Alô alô marciano”, que ironicamente discorre sobre a decadência da “high society”. Assim como a canção manifesta “cada um por si, todo mundo na lona”, é possível ver no artigo a denúncia da contradição entre a ilusão que grupos aristocratas constroem em torno do termo em questão e a sua verdadeira acepção, qual seja, um agrupamento de seres que convivem em estado gregário e em colaboração mútua.

Bardi continua sua análise evidenciando as diferenças entre as noções de arquitetura e urbanismo do povo da Amazônia e dos habitantes urbanos. Enquanto os primeiros a veem como algo natural e familiar, que se soluciona em boa convivência, os civis do “país de cimento” ficam intrigados com sua suposta complexidade. Faz-se presente, no discurso de Lina, o voltar-se à sabedoria popular, simultâneo a uma crítica à concepção acadêmica. Correlacionando o problema da arquitetura ao da filosofia da academia, resume esta a pessimistas amantes de Sartre.

Assim como em muitos de seus textos, Bardi desafia a dicotomia entre erudição e cultura popular, sempre enfatizando a riqueza da segunda como fonte inesgotável de inspiração para a prática arquitetônica. As imagens que permeiam o texto apresentam não apenas moradias de técnicas populares, mas também cenas cotidianas, talvez como uma forma de a autora comprovar seu apreço pela simplicidade (palavra a que se dá sentido positivo) com que o meio social funciona, de modo racional, funcional e sensível.

Já em “Belém”, 1952, Lina desenvolve mais uma vez o seu posicionamento como apreciadora da vivência do povo, uma vez que, segundo a autora, são arquitetos natos, por instinto, sem instrução formal; indivíduos que, com soluções espontâneas, levam a arquitetura muito a sério. De forma provocante, chamando de inteligentes os arquitetos que – como ela mesma – voltam-se à cultura popular como inspiração para suas obras.

Em “Casa de 7 mil cruzeiros”, 1951, após uma visita à casa de uma família, Lina constrói um carinhoso olhar à bela e racional forma como uma senhora construiu, com suas próprias mãos, o próprio lar, sendo a responsável por todas as etapas e processos da obra. O que nos lança a uma crítica contundente ao

paradigma capitalista, que promove o modelo fordista de produção como a única opção possível. Questiona, assim, a homogeneização e a falta de individuação inerente ao processo industrial, uma crítica que será muito presente em trabalhos posteriores da arquiteta.

Bardi enfatiza a riqueza da experiência pessoal e do fazer com as mãos na criação do espaço da habitação, convidando a apreciar a conexão entre o criador e a obra, e celebrando a habilidade singular de transformar materiais disponíveis em um espaço habitável. Ademais, as histórias que permeiam o processo de construção da casa resgatam a sensação de pertencimento e o significado, por meio de criativas, honestas e coerentes soluções para cada necessidade que surgem no decorrer da construção.

O artigo “Construir é viver”, 1952, é uma saudação a indivíduos que abandonam o conforto engessado da vida urbana para desfrutar da estimulante experiência que é viver na selva. Essa visão arcadista sobre o êxodo urbano pode ser associada à relação íntima dos indígenas nativos brasileiros com a natureza, uma conexão de respeito e usufruto com o mínimo de degradação. É interessante analisar que, assim como em outros textos, ela convida a olhar a cultura popular como uma forma madura e racional de solucionar problemas. Isso é um questionamento indireto ao capitalismo, segundo o qual tal filosofia é uma forma inocente de enxergar o mundo, desqualificando, assim, indivíduos que aprenderam por meio de séculos de erros e acertos: “Quando a produção popular se petrifica em “folklore”, as verdadeiras e suculentas raízes culturais de um País secam” (BARDI, 1994).

Ademais, em meio à valorização do conhecimento por trás da vivência popular, observa-se novamente o traço moderno da arquiteta, de ser contrária a excessos, porém sem depreciar os adornos, desde que estes sejam significativos. É um enfrentamento claro aos palacetes europeus ecléticos, os quais representavam o gosto da alta sociedade da época. Por fim, a ironia clássica de Lina aparece: após uma série de imagens produzidas pelo fotógrafo Roberto Maia, que mostram a arquitetura vernacular, há um artigo chamado “A casa do arquiteto”, possivelmente objetivando evidenciar a discrepância entre ambas.

Bardi em “O povo é arquiteto”, 1952, enfatiza que os recursos abundantes brasileiros permitem soluções de demandas como o escoamento de água, assim como fizeram na Roma Antiga. Isso representa mais uma contraposição a correntes ecléticas. Além disso, ela enaltece o uso de elementos naturais encontrados no próprio terreno, algo que reproduz a partir de suas observações das construções do povo.

No último artigo “Porque o povo é arquiteto?”, 1951, ela trata da simplicidade da construção popular, demonstrando que as divergências de espírito entre camadas sociais transparecem desde a base. Ressalta, assim, que o pobre é arquiteto pensante por necessidade, não por entretenimento. O povo não se interessa por salões exibicionistas, mas, sim, por uma habitação aconchegante. De certa forma, Lina debocha do apreço dos ricos por coisas que se assemelham às europeias e pela incessante busca pelo exótico, raro.

Apesar do posicionamento moderno, já visto anteriormente, da autora perante o ornamento, neste trecho há uma defesa de que mesmo com o caráter racional e apelo singelo da arquitetura popular, ainda existe exuberância e senso artístico. Ela acrescenta ainda que isso acontece de forma espontânea. Ou seja, Lina não é contra todos o ornamento, mas especificamente aqueles alheios à cultura local: *“Since ornament is no longer organically linked with our culture, it is also no longer the expression of our culture”* (LOSS, 1908).

Considerações finais

É possível concluir que o posicionamento de Lina Bo Bardi presente nos artigos selecionados, publicados na Revista Habitat, desafia a elite e seu apreço pelo exótico e ostentatório, de extração européia. Enaltece, em vez disso, a sabedoria popular lapidada em meio à necessidade, a importância do uso de materiais locais combinados com soluções criativas, de modo a manter conexão entre obra e criador e alcançar uma arquitetura autêntica e significativa. Questionamento, entre outros, a homogeneização do processo industrial e o engessado modelo capitalista de produção, tais textos precederam o reconhecimento do saber do povo no âmbito da arquitetura, industrialização e design brasileiro, que por sua vez se desdobrou nas pesquisas de Lina Bo Bardi no Nordeste Brasileiro e em seus projetos.

Referências

- BARDI, Lina Bo. Amazonas: o povo arquiteto. **Revista Habitat**: A revista das artes no Brasil, São Paulo, v. 1, p. 68-71, 1950.
- BARDI, Lina Bo. Belém. **Revista Habitat**: A revista das artes no Brasil, São Paulo, v. 7, p. 47-47, 1952.
- BARDI, Lina Bo. Casa de 7 mil cruzeiros. **Revista Habitat**: A revista das artes no Brasil, São Paulo, v. 3, p. 3-3, 1951.
- BARDI, Lina Bo. Construir é viver. **Revista Habitat**: A revista das artes no Brasil, São Paulo, v. 7, p. 3-10, 1952.
- BARDI, Lina Bo. O povo é arquiteto. **Revista Habitat**: A revista das artes no Brasil, São Paulo, v. 10, p. 52-52, 1952.
- BARDI, Lina Bo. Por que o povo é arquiteto? **Revista Habitat**: A revista das artes no Brasil, São Paulo, v. 3, p. 3-3, 1951.
- BARDI, Lina Bo. **Tempos de Grossura: o design no impasse**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1994.
- LOOS, Adolf. **Ornament and Crime**. Londres: Penguin Books, 2019.